



Neamp

Poemas

Carlos Rogério Duarte Barreiros *

À minha volta, pilhas de livros que não li.
Não planejei nada: deixo a desordem tomar conta
E ocupar aos poucos, pelos flancos,
Todo quarto e toda a vida.

Não dei ouvidos às recomendações sãs,
Não me ocupei das coisas úteis,
Tomei emprestados os sonhos de outra geração
E terminei como ela, bêbado,
Motivo de riso dos que já me atropelam.

Eu digo não à maravilha dos computadores,
Dos telefones celulares, da internet;
Rio da pseudo-saúde artificial das academias
Acendo um cigarro na ala dos não-fumantes
E digo "obrigado" e "por favor" a quem quer que seja.

Quando, à mesa, vivo lamentos contestatórios
Descubro a nova estética: a revelação das entranhas,
A difusão dos odores mais fétidos do corpo,
A descrição minuciosa dos poros e das glândulas sebáceas -
O pêlo no seio, a estria, a celulite, o calo.
Tudo que não seja casca; tudo que não seja casta.

A minha musa não será a modelo ideal, cadavérica,
Enfadonha do cérebro de musgo,
A loira bolorenta dos seriados americanos;
Nem uma mulata brasileira
De ancas de boa vaca parideira
De rebolado clichê, robótico, maquinal,
Matinal, transgênico, cereal.

À cata da maravilha das imperfeições,
Das cicatrizes, das desproporções, secreções
E exageros.

Não quero rimas, conotações e significados obscuros e imprecisos
A minha forma está diluída na pobreza de espírito deste tempo
Em que somos todos farsantes:
Nosso capricho é dizer não sem saber por quê.

* é professor de literatura e doutorando da área de Literatura Portuguesa da FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) da USP (Universidade de São Paulo).



Neamp

Não há significado que não seja o nosso
A história não nos diz nada
Só nos emociona o que é concreto
Repetimos na praia o que fazemos na cidade
Todo dia, depois de outro dia,
Sempre a mesma coisa...

Ojeriza

Caiu-me o pedaço de pele e não hesitei:
Comi-o vorazmente.
Que poderia ser a parte de mim que sonhava,
E eu não poderia deixar o sonho se esvaír;
Que poderia ser a parte de mim que gozava,
E eu não poderia deixar que gozasse sem o resto de mim;
Que o que caía poderia não mais voltar,
E eu queria sê-lo uma vez mais;
Que poderia ser a pior parte de mim,
E eu queria conhecê-la;
Que poderia ser um resto da infância,
E eu queria ser inocente;
Que, por cair, poderia ter valor,
E eu queria desmerecê-lo;
Que, se fosse amargo, eu queria cuspi-lo e,
Se não fosse, engoli-lo;
Que, quando caiu, doeu,
E (perdoa!) sou também masoquista!
Que, quando se perdesse,
Eu procuraria sem parar, e se achasse,
Deixaria num canto empoeirado;
Que, se der indigestão, terá sido degustado,
E, se não der, terá causado ojeriza.

A Rosa

Entre os cabelos em que me perco à noite
Floresta úmida e árida de brilho aromático
E o dorso interminável de brancura
Cujos poros devo experimentar
Um por um;

Entre a tentação do ouro que cega,
Hipnose de mulher que não se explica
E o monte mais alto de dunas móveis,
De dias quentes, nas noites minhas,



Neamp

Entre o sono tranqüilo e suas partes
De travessia tão longa e retorno incerto,
E a exploração interminável dos mistérios
Que não se podem decifrar;

Ali, invulnerável
A mais rubra de todas, fluorescendo até cegar,
Inflamável,
Está a rosa.